

NOS MEANDROS AMAZÔNICOS: levantamento e análise da arquitetura ribeirinha do rio Chandless, Acre

Giovanna Paola Marzano Ferraz de Arruda (IC) e Jair Antonio de Oliveira Junior (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

O ser humano tende a se adaptar ao ambiente em que está inserido: qualquer que seja a situação, são criadas soluções sociais e estruturais para conviver com as fragilidades do local. Isso não é diferente para as comunidades ribeirinhas da região amazônica, que sobrevivem às características específicas da floresta tais como o clima, as precipitações, o ciclo hidrológico do rio e a fauna e flora específicas. Isso reflete diretamente nas edificações: as casas são construídas com métodos vernaculares, de forma a criar harmonia com os padrões do meio ambiente, integrando-se a ele. A presente pesquisa pretende analisar as adaptações materializadas na arquitetura ribeirinha amazônica, com foco nas casas do Parque Estadual do Chandless, uma Unidade de Conservação de Proteção Integral no estado do Acre. O objetivo central é o estudo da morfologia, das técnicas construtivas observadas nessas habitações e a relação delas com as características do meio ambiente, da sociedade e da tecnologia. Para isso, a bibliografia utilizada foi fundamental para uma aproximação da realidade histórica e dos processos formadores da sociedade e modo de vida amazônicos. Somam-se a isso a coleta de dados em campo, que proporcionaram um entendimento mais amplo do local em questão, das soluções arquitetônicas vigentes e do modo de viver da comunidade. A análise de uma residência ribeirinha foi realizada a partir dos materiais coletados durante a visita, isto é, observações, registros fotográficos, medições e entrevistas.

Palavras-chave: Habitação ribeirinha. Amazônia. Rio Chandless.

ABSTRACT

Human beings tend to adapt to the environment in which they are inserted: for any situation, solutions for lifestyle and housing are implemented to thrive. This is no different for riverside communities in the Amazon, which survive through the specific difficulties posed by the forest's climate, rainfall, river hydrological cycle, fauna, and flora. This is directly reflected in the buildings: the houses are built with inherited vernacular methods and aim to be in harmony with the patterns of the environment, hence integrating with it. The present research intends to analyze the adaptations implemented in the Amazonian riverside architecture, focusing on the houses of the Chandless State Park, an Integral Protection Conservation Unit in the Brazilian state of Acre. The main objectives are the study of the morphology, construction techniques and relationships with the characteristics of the environment, society and technology observed in these dwellings. To achieve this, the bibliography used was

fundamental for an approximation with the historical reality and the formative processes of the Amazonian society and way of life, in addition to the field research that provided a broader understanding of the place in question, the architectural solutions present until today and the way of life of the current community. Analyze of one house in the Chandless State Park was carried out from the materials collected during the visit such as observations, photographic records, measurements, and interviews.

Keywords: Riverside housing. Amazon. Chandless River.

1. INTRODUÇÃO

A ênfase mundial dada à Amazônia, tendo em vista o atual cenário global de mudanças climáticas, nos obriga a reinterpretar as relações socioculturais e ambientais presentes nas comunidades ribeirinhas, as quais vivem tradicionalmente sujeitas a uma convivência com a natureza. Os povos que habitam as margens dos rios amazônicos contribuem significativamente para a riqueza cultural do país e, sobretudo, para a forma como nos relacionamos com o meio ambiente do qual fazemos parte.

Os rios na Amazônia constituem uma realidade labiríntica e assumem uma importância fisiográfica e humana excepcionais. O rio é o fato dominante nessa estrutura fisiográfica e humana, conferindo um ethos e um ritmo à vida regional. Dele dependem a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e a destruição de terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, a política e a economia, o comércio e a sociedade. O rio está em tudo. (LOUREIRO, 1995, p. 121 apud NOGUEIRA, 2016)

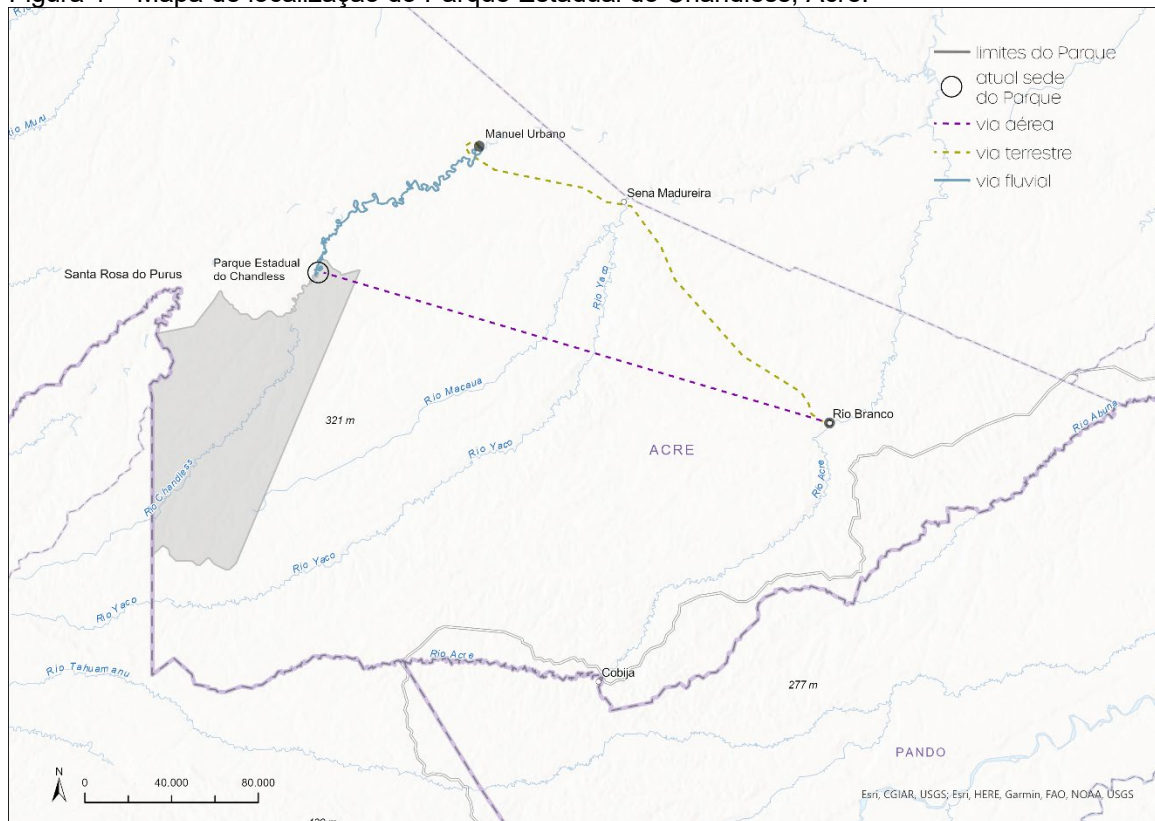
Segundo Leandro Tocantins, “O rio comanda a vida”, ou seja, os ribeirinhos não só convivem com a sazonalidade do rio como norteiam sua vida a partir dele, sendo sua principal fonte de alimentação e transporte. A utilização dos recursos naturais de forma não destrutiva é o que determina a forma de habitar destes povos, que dependem diretamente de uma relação harmônica com o meio ambiente. A partir dessa compreensão, o trabalho destina-se a realizar o levantamento e análise das adaptações arquitetônicas e culturais dos povos ribeirinhos amazônicos, com o fim de desvendar os desafios de conviver com a dinâmica do rio.

O objetivo da pesquisa é analisar teórica e materialmente as soluções encontradas pelos ribeirinhos no processo de adaptação ao ambiente extremo ao qual estão submetidos e, assim, compreender a dinâmica de vivência e produção de arquitetura em áreas de várzea remotas, como é o caso do rio Chandless, no Acre. O objetivo específico é compreender os processos formadores da sociedade da região, ou seja, a história por trás da comunidade, e analisar morfologicamente a habitação gerada por eles.

O Rio Chandless localiza-se no Parque Estadual do Chandless, uma Unidade de Conservação de Proteção Integral na zona centro-sudoeste do estado do Acre, situada na fronteira Brasil-Peru, a qual ocupa uma área de 695.304 hectares (4,23% do território do estado), compreendendo os municípios Santa Rosa do Purus, Manoel Urbano e Sena Madureira. O acesso ao Parque é limitado, feito somente por via aérea partindo de Rio Branco, Acre (avião bimotor) ou fluvial partindo de Manoel Urbano,

Acre (em um percurso que varia de 8 a 15 horas de viagem subindo o rio Purus, dependendo do barco). (SOS Amazônia, 2010)

Figura 1 – Mapa de localização do Parque Estadual do Chandless, Acre.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022; Esri, CGIAR, USGS; Esri, HERE, Garmin, FAO, NOAA, USGS.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Oliveira Junior (2019), o “ciclo hidrológico da região (...) obriga o homem ribeirinho modificar seus hábitos, fruto de sua leitura do mundo e a relação com o ambiente, de modo constante e cíclico”. Por isso, o modo de viver e habitar as áreas de várzea amazônicas é essencialmente um ato de constante adaptação à sazonalidade dos rios (aos períodos de enchente, cheia, vazante e seca) e isso reflete diretamente nas habitações, que são construídas de modo a superar as estações e os fenômenos naturais.

A ocupação das margens dos rios amazônicos se deu, principalmente, durante as correntes migratórias impulsionadas pelo chamado “ciclo da borracha”, durante a segunda metade do século XIX. Neste momento, a oportunidade de trabalho nos seringais da Amazônia atraiu famílias nordestinas que enfrentavam intensas secas no sertão (S. N. SILVA, 2000). De acordo com Lima (2010), o “seringueiro (...) tangido pelas secas dos sertões nordestinos, em busca de riquezas, ao chegar às regiões da

Amazônia, para cortar seringa e produzir a borracha, embrenhou-se nas densas florestas, ricas em fauna e flora.”

O processo histórico de ocupação das áreas de várzea da Região [a]mazônica possibilitou, ao longo dos anos, uma heterogeneidade de modos de vida. O ambiente e as populações humanas reconfiguram-se em um processo diversificado que combina inúmeros elementos do espaço e da diversidade da cultura humana. A formação histórica das populações ribeirinhas da região é fruto do encontro de culturas, seja de populações locais, ameríndias, do colonialismo europeu em um dado momento ou da recente presença nordestina do período econômico da borracha. (FRAXE, 2011)

Segundo Weimer (2012), “algumas influências indígenas podem ser reconhecidas nos barracões dos seringalistas amazônicos e, de forma mais expressiva, na casa dos seringueiros (...)” (WEIMER, 2012, p. 59). Da mesma forma, no cenário do estado do Acre, os assentamentos dos seringueiros nordestinos nos seringais possuem características semelhantes às habitações indígenas que já existiam na região: o seringueiro reproduziu o modo de construir dos povos originários da floresta e, ao longo do tempo, desenvolveu a construção para suas necessidades e conceitos culturais. Mesmo com a falta de conhecimento sobre a mata e técnicas construtivas funcionais para o local, o seringueiro foi capaz de construir sua casa com matéria-prima da floresta e a experiência absorvida no cotidiano para manter-se em harmonia com a natureza e intempéries naturais (LIMA, 2010).

As construções dos seringueiros são feitas, normalmente, com a madeira da palmeira paxiúba (*Socratea exorrhiza*), cortada em ripas que são amarradas entre si ou pregadas. A cobertura é feita de palha, com camadas suficientes para que a parte externa fique molhada e a parte interna continue seca, garantindo também o isolamento térmico. O apodrecimento total dessa estrutura pode levar mais de dez anos. As casas são apoiadas em palafitas de cerca de 60 cm de altura, para proteção nas enchentes dos rios e igarapés, além da alagação do solo durante as chuvas tropicais. (WEIMER, 2012, p. 59-61)

Pensando nas comunidades ribeirinhas que habitam a região atualmente, muitos dos costumes foram herdados dos períodos de ocupação histórica: segundo Brugnera (2015), o caboclo ribeirinho constrói com a matéria prima encontrada nos arredores e, para as habitações se harmonizarem com a oscilação do nível d'água, elas podem ser palafitas ou flutuantes. As casas flutuantes permitem maior flexibilidade por flutuarem, podendo ser deslocadas para lugares mais adequados

dependendo do período, além de acomodarem-se às variações do rio. Já as casas palafitas são afastadas do solo com estacas de madeira fixadas em terra firme e acabam “isolando” o morador nos períodos de cheia. (OLIVEIRA JUNIOR, 2009)

Desta forma, as habitações ribeirinhas, desde o princípio, podem ser entendidas como vernaculares, no sentido de serem manifestações construtivas do povo. Porém, segundo Weimer (2012) o termo mais apropriado seria “(...) arquitetura popular: aquela que é própria do povo e por ele é realizada” (WEIMER, 2012, p. XLI). Dentro das características gerais da arquitetura popular estão a sua simplicidade, adaptabilidade e criatividade: a simplicidade está no fato de os materiais utilizados serem fornecidos pelo meio ambiente e a adaptabilidade se refere às técnicas construtivas que se conformam às circunstâncias locais. Ambos processos dependem de soluções criativas, tanto para a concepção formal funcional, quanto para o uso dos materiais de construção. (WEIMER, 2012, p. XLI-XLII)

No caso dos ribeirinhos que habitam a Floresta Amazônica, a adaptabilidade está relacionada ao desafio de conviver com a sazonalidade do rio e os fenômenos naturais relacionados a ele: o homem ribeirinho foi obrigado a identificar meios de se estabelecer no local, criando adaptações para as habitações nas margens dos rios, que pudessem se relacionar a ele. (OLIVEIRA JUNIOR, 2019)

O rio, sempre o rio, unido ao homem, em associação quase mística, o que pode comportar a transposição da máxima de Heródoto para os condados amazônicos, onde a vida chega a ser, até certo ponto, uma dádiva do rio, e a água uma espécie de fiador dos destinos humanos. (TOCANTINS, 2000, p. 278)

3. METODOLOGIA

a. Levantamento bibliográfico: Esta etapa consistiu na apuração e seleção do material teórico fundamental para realização da pesquisa. Já que o tema principal aborda a habitação ribeirinha, especificamente do Parque Estadual do Chandless, foi necessário entender o local, a sociedade e a tecnologia, ou seja, os aspectos que compõem o cenário e a ocorrência da casa.

Para o estudo mais aprofundado do local e da sociedade, foram usados principalmente os documentos técnicos do Plano de Manejo do Parque Estadual do Chandless, elaborado pela Equipe SOS Amazônia, que constituem diagnósticos do meio físico, biológico e social, apresentando também pesquisas teóricas da história do local em específico. Além disso, artigos como “Gestão das águas na Amazônia: a bacia

do Rio Purus” de Wilson Cabral e colaboradores e “O Alto Purus e o seringueiro, sua memória, sua história” de Ademar Santos de Araújo e Eduardo Sugizaki, foram essenciais para o estudo da bacia do Rio Purus, em cuja bacia hidrográfica o Rio Chandless se insere, com análises das questões ambientais e sociais, principalmente a relação histórica entre o homem ribeirinho e o ciclo do rio.

A tecnologia engloba as técnicas construtivas, os materiais e a arquitetura das casas no geral. Essa percepção foi construída com livros e artigos que tratam a análise das casas ribeirinhas da Amazônia, tais como os livros “O Espaço Ribeirinho” de Maria das Graças S. N. Silva e “Arquitetura popular brasileira” de Günter Weimer; e os artigos “Sustentabilidade da habitação do seringueiro amazônico” de Valdeci C. de Lima, “Arquitetura Ribeirinha sobre as águas da Amazônia: o habitat em ambientes complexos” e “Arquitetura Ribeirinha na Amazônia: Habitar em ambientes extremos” ambos de Jair Antonio de Oliveira Junior.

b. Entrevistas: As duas entrevistas realizadas foram de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa, por promover uma visão de pessoas completamente inseridas no contexto estudado.

Entrevista com Ricardo Plácido: Ricardo é um dos gestores do Parque Estadual do Chandless e a conversa com ele trouxe a perspectiva da administração, controle e fiscalização da Unidade de Conservação, apresentando as principais dificuldades dessa atividade. A partir disso, foi abordada tanto a questão ambiental de conservação quanto a questão social da comunidade existente, da ocupação do território e modo de vida da população. Isso forneceu mais informações recentes do local e o entendimento das condições atuais do panorama social.

Entrevista com Flávia Souza: Flávia é engenheira florestal, atua profissionalmente na Secretaria de Estado do Meio Ambiente e das Políticas Indígenas (SEMAPI), foi gestora de uma APA (Área de Proteção Ambiental) no Acre e foi gestora da Divisão de Áreas Naturais Protegidas do Acre. A conversa com ela foi direcionada à questão da comunidade e da forma de habitação, entendendo os materiais utilizados, a estrutura e a morfologia da casa ribeirinha. Com isso foi possível compreender melhor as características e soluções espaciais da casa específica do local.

c. Pesquisa de campo: A oportunidade de visita ao local de pesquisa em julho de 2022 partiu de um convite de Flávia Souza, como apoio para a presente pesquisa e para o Trabalho Final de Graduação que se encontra em fase de desenvolvimento.

A visita ocorreu entre os dias 19 e 22 de julho de 2022 e possibilitou um contato direto com o meio ambiente, a comunidade local e as construções existentes. Foram três dias de hospedagem na sede do Parque Estadual do Chandless, conhecendo e interagindo com os moradores e colaboradores da SEMAPI. Um dos dias foi dedicado à visita de duas casas locais em que foi possível fazer medição e levantamento fotográfico, além de conversar com os moradores sobre o processo de confecção.

d. Levantamento fotográfico e análises: O levantamento fotográfico foi desenvolvido desde o início da pesquisa, com a colaboração do gestor do Parque, Ricardo Plácido, a mestrandia Letícia Fernandes e a engenheira florestal Flávia Souza. As fotos foram elementos primordiais para análises das casas, principalmente dos aspectos construtivos de estrutura e morfologia. A pesquisa de campo e as fotos tiradas no local por conta própria proporcionaram uma visão mais apurada e contribuíram significativamente para as análises, já que foi possível visualizar pessoalmente as construções, os métodos construtivos e a vivência no local. A visita também possibilitou fotos internas e medições de duas casas.

e. Redesenho: A elaboração de desenhos da casa ribeirinha foi fruto das análises estruturais e de organização da habitação, com a identificação dos elementos da construção (palafitas, vedações, aberturas) e divisão dos ambientes (sala, quartos e cozinha).

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Contexto do Parque Estadual do Chandless

O Parque Estadual do Chandless está inserido na bacia hidrográfica do rio Purus, o qual apresenta um curso sinuoso e meândrico e se entende dentro de uma faixa de planície. O rio Chandless é afluente da margem direita do rio Purus, assim como seus outros maiores afluentes rio Acre, Iaco e Caeté. As vazões dos rios no Estado do Acre como um todo apresentam um padrão de distribuição anual heterogêneo com um período marcadamente seco entre junho e outubro e um período de maiores vazões, com variação de até 90%, entre fevereiro e março. (SOS Amazônia, 2010)

A bacia do rio Purus possui grande número de habitats articulados e estabelecidos pelos movimentos do rio, o que confere uma grande importância ambiental à bacia, a qual possui grau de conservação dos ambientes naturais relativamente elevado. Esta abundância de ambientes faz com que a bacia do rio Purus possua uma diversidade de modos de uso e ocupação pelas comunidades que se estabelecem nesse contexto. O primeiro registro de presença branca na região foi em meados do século XIX, mesma época das expedições organizadas por Manoel Urbano e William Chandless, este último homenageado com a atribuição do nome ao rio Chandless. (CABRAL et al., 2015)

A ocupação da bacia do rio Purus está relacionada a políticas públicas iniciadas no ciclo da borracha, o qual se passou entre final do século XIX e meados do século XX, quando houve a fase de expansão das atividades de exploração da seringueira (*Hevea brasiliensis*) e do caucho (*Castilloa elastica*). Nessa época, brasileiros seringalistas vindos do litoral e peruanos caucheiros vindos da serra e da selva passaram a ocupar as margens do rio Purus e seus afluentes, inclusive o rio Chandless, o que influenciou diretamente a formação da sociedade da região. Em 1904 e 1905, Euclides da Cunha conduziu expedição para delimitação das fronteiras entre Brasil e Peru e teve o acordo de limites firmado em 1909 pelo Tratado do Rio de Janeiro. (SOS Amazônia, 2010)

Logo após as principais expedições oficiais de exploração e de reconhecimento, percebeu-se que, aos poucos, o rio Purus foi se transformando em não indígena. (...) Essas famílias [que ocuparam o rio Purus] estabeleceram residência perto da foz, numa localidade conhecida como Itapá, e assim o Purus foi ganhando seus 'povoadores', que encontravam como inspiração para os seus negócios produtos como seringa, salsa, castanha, óleo de copaíba, manteiga de tartaruga e outros gêneros. (SUGIZAKI e DE ARAÚJO, 2021)

Segundo Cabral et al. (2015), a população da bacia do rio Purus está adaptada ao regime natural das águas do rio – os processos de enchente e vazante – e às condições extremas de habitar em área de várzea. Os ribeirinhos costumam ocupar os espaços do rio durante a estação seca, quando formam as praias, possibilitando o cultivo das culturas de feijão, mandioca e melancia. E, no período de cheia, praticam extrativismo florestal principalmente de madeira e castanha.

Na área do Parque Estadual do Chandless a história não é diferente: os atuais moradores são descendentes de famílias representativas de povos que ocuparam o rio nas fases históricas, os indígenas das etnias Manchineri e Jaminawa, peruanos

descendentes de famílias que vieram na época do caucho ou que imigraram mais recentemente, nordestinos que chegaram na fase de exploração da borracha e outros nativos do Acre. As famílias são formadas por uniões entre esses grupos (ALLEGRETTI et al., 2008). Segundo entrevista com o gestor do Parque Estadual do Chandless, Ricardo Plácido,

Os moradores do Chandless... eles são... miscigenados com peruanos... e eles têm nomes de castelhanos porque o Chandless era território peruano no século passado (...) os moradores do Parque... eles são basicamente peruanos que abasileiraram, abasileiraram-se, então eles têm um sotaque um pouco... meio diferente... tem um sotaque próprio de lá que a gente vê que é misturado com castelhano... muitos entendem castelhano, espanhol, e tem parentes em Pucallpa... pra lá que é o município do Peru que faz fronteira com Santa Rosa... e um pouco disso também influencia a culinária deles, eles têm algumas comidas típicas lá que não tem outras em outras regiões do Acre e, basicamente, muitos deles têm parentes... tem parentesco... um é primo do outro, outro é irmão... (...) a agricultura deles, basicamente essa parte... de feijão... algumas culturas só são realizadas durante a estação seca, o verão amazônico, maio, junho, junho em diante... entre junho e outubro (...) porque o Rio tá seco e formam-se praias... então eles plantam nas praias... (informação pessoal).¹

Figura 2 – Plantação de melancia nas praias do Rio Chandless em julho de 2022.



Fonte: Elaborado pela autora – Giovanna Ferraz de Arruda, 2022.

Contexto econômico, social e espacial da comunidade

Em entrevista com Ricardo Plácido, foi possível entender que a comunidade que habita o Parque Estadual do Chandless já o fazia antes da área ser transformada

¹ PLÁCIDO, R. **Comunidade do rio Chandless**. Destinatário: Giovanna Ferraz de Arruda. [São Paulo], 14 de out. 2021. Gravação de entrevista realizada por videoconferência.

em Unidade de Conservação de Proteção Integral. Por esse motivo, são firmados termos de compromisso entre os moradores e o governo, que permitem que os atuais moradores e suas famílias permaneçam legalmente no local.

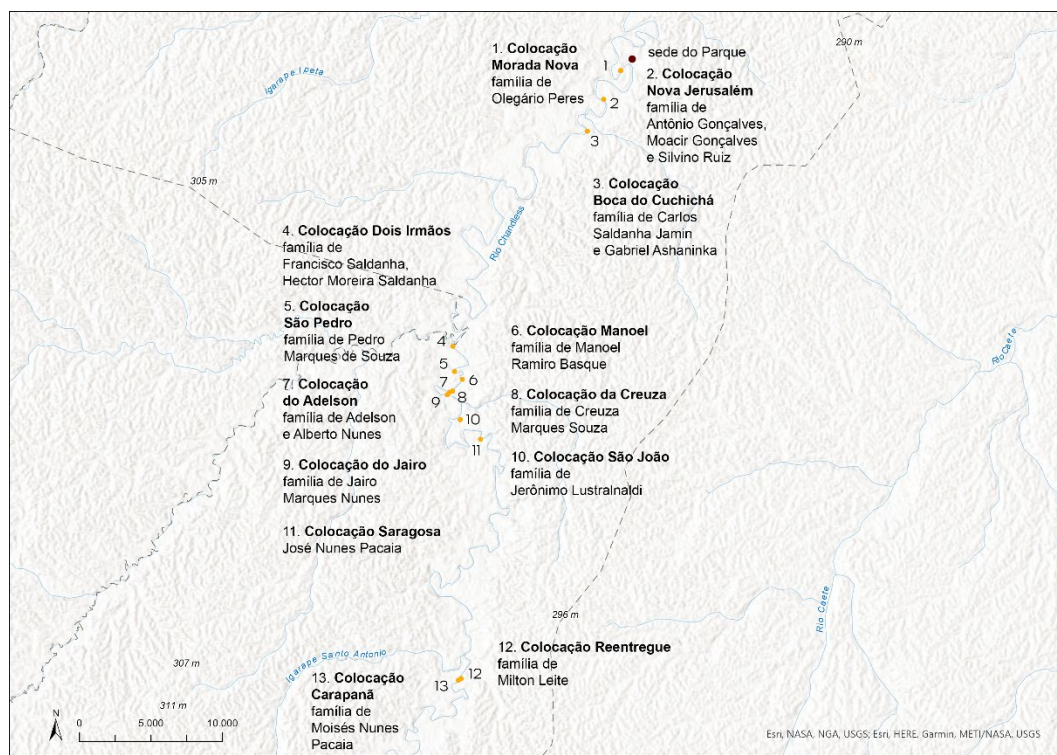
A comunidade se distribuiu ao longo do rio Chandless de forma a estabelecer agrupamentos familiares espalhados e distantes entre si, o que está diretamente relacionado ao uso dos recursos naturais: todas as famílias são conectadas umas às outras por laços de parentesco diretos ou indiretos, mas isso não faz com que elas compartilhem o mesmo espaço físico ou vivam de forma coletiva. Os núcleos familiares são formados por pais, filhos solteiros e casados, e netos, mantendo um padrão de organização econômica, social e espacial. Dessa forma, os moradores mantêm a autonomia do uso dos recursos naturais em cada espaço que ocupam, com uma economia voltada para subsistência, alimentada sobretudo pela agricultura familiar, caça e pesca. (ALLEGRETTI et al., 2008)

No que tange à renda monetária, a maioria das famílias tem como principal fonte de renda o programa “Bolsa Família” do governo. Além disso, muitos prestam serviços esporádicos ao Parque, sendo que os homens trabalham como mateiros e barqueiros, e as mulheres, como cozinheiras. Muitos moradores também participam do “Programa Monitora”, uma estratégia do ICMBio que permite o monitoramento da biodiversidade dentro da Unidade de Conservação bem como uma forma de garantir aos colaboradores subsídio (informação pessoal).²

A única forma de transporte é através do rio: os moradores costumam construir canoas de madeira, em que inserem motor de barco, para locomoção até a cidade de Manoel Urbano, onde conseguem produtos industrializados e oportunidade de venda de canoas artesanais e produtos agrícolas por parte deles.

Figura 3 – Mapa localização das casas no Parque Estadual do Chandless.

² PLÁCIDO, R. **Economia da comunidade do rio Chandless**. Destinatário: Giovanna Ferraz de Arruda. [São Paulo], 14 de out. 2021. Gravação de entrevista realizada por videoconferência.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022; Esri, NASA, NGA, USGS; Esri, HERE, Garmin, Foursquare, METI/NASA, USGS.

Os dados do mapa (Figura 3) foram obtidos no Diagnóstico Socioeconômico do Plano de Manejo do Parque Estadual do Chandless realizado por Mary Helena Allegretti com a Equipe da SOS Amazônia e publicado em outubro de 2008. Apesar de serem resultados de uma pesquisa realizada há 14 anos, as famílias continuam se estabelecendo da mesma forma: essencialmente, a mudança que ocorreu até os dias de hoje foi o crescimento das famílias. A formação de novas famílias fez com que os agrupamentos que já existiam, aumentassem o número de casas, mas isso não alterou a distribuição deles ao longo do rio. Atualmente estimam-se conter 20 famílias dentro do Parque, diferentemente da pesquisa de 2008 que calculou 16 famílias (informação pessoal).³

Análise da arquitetura nas margens do rio Chandless

A arquitetura ribeirinha do Parque Estadual do Chandless, assim como da Amazônia no geral, é a materialização da adaptação às circunstâncias do local, com conhecimentos passados de geração em geração. Como dito por Oliveira Junior (2019), “[é] visível a aptidão de se construir casas sem a ajuda de conhecimentos

³ SOUZA, F. D. R. de. **Famílias do rio Chandless**. Destinatário: Giovanna Ferraz de Arruda. [São Paulo], 17 de nov. 2021. Gravação de entrevista realizada por videoconferência.

técnicos científicos, contando apenas com o conhecimento adquirido, a tradição cultural e as restrições encontradas, adaptando-as, evoluindo-as.”

Duas casas foram visitadas, ambas na Colocação Nova Jerusalém: a primeira casa pertence a Antônio e Francisca e a segunda, a Moacir e Zenilda. A casa de Antônio e Francisca é a casa principal da Colocação e em torno dela orbitam as casas de alguns de seus filhos, incluindo Moacir. Ambas as casas são palafitas, ou seja, afastadas do solo com estacas de madeira de até 1 metro de altura.

Antônio e Francisca construíram uma nova casa recentemente, ao lado do esqueleto da antiga casa, e apenas mantiveram o espaço da cozinha, na parte de trás. A nova construção foi produção do genro deles, quem trouxeram de Manoel Urbano para fazer o serviço de abater as árvores, serrar a madeira e construir a estrutura. A cobertura de telha metálica, trazida da cidade, é um indicador de maior poder aquisitivo entre os moradores, por ser uma opção de maior valor se comparada a cobertura convencional de palha. A vantagem da telha metálica é a maior durabilidade, embora seja inadequada ao clima por não possuir bom isolamento térmico. Flávia Souza explica:

Quem tem dinheiro substitui os telhados de palha por telhados de zinco ou de telhas de *eternit* (...) a fonte de entrada, de renda mensal mais segura e com valor maior são os aposentados rurais (...) e aí aquela família vive da aposentadoria da pessoa mais velha (...) a casa que tem um aposentado normalmente vai ter o telhado de zinco ou de eternit, porque eles não querem mais esse trabalho grande, porque a durabilidade é muito maior, entendeu... e o trabalho é muito menor também de manutenção (...) (informação pessoal).⁴

⁴ SOUZA, F. D. R. de. **Construções nas margens do rio Chandless**. Destinatário: Giovanna Ferraz de Arruda. [São Paulo], 17 de nov. 2021. Gravação de entrevista realizada por videoconferência.

Figura 4 – Casa de Antônio e Francisca: vista externa.



Fonte: Elaborado pela autora – Giovanna Ferraz de Arruda, 2022.

A madeira utilizada é a paxiúba (*Socratea exorrhiza*), que foi abatida da própria floresta e serrada no local. A casa é apoiada sob palafitas de 80 cm de altura e uma plataforma composta por dois níveis de vigas, as vigas de baixo no sentido transversal e as de cima no sentido longitudinal, acompanhando o assoalho. É possível observar, na figura 5, que a estrutura consiste em pilares e vigas, com armações em tesouras simples para sustentação da cobertura. Os pilares de madeira servem como apoio para as tábuas da vedação, dispostas verticalmente e fixadas com pregos. As aberturas representam verdadeiros vãos nas vedações e o mesmo elemento retirado é usado para fechamento, com o emprego de dobradiças simples.

Figura 5 – Casa Antônio e Francisca: fechamentos verticais e estrutura.



Fonte: Elaborado pela autora – Giovanna Ferraz de Arruda, 2022.

O ambiente da cozinha é uma construção à parte conectada à casa principal por meio de uma passarela (figura 6). A cozinha mantém a cobertura de palha, extraída da palmeira Jaci (*Attalea butyracea*), por ser um ambiente em que a temperatura fica mais elevada e a palha uma opção de melhor isolamento térmico. Além disso, a estrutura da cozinha é de pilares e vigas de madeira roliça, posicionados de forma a criar a inclinação necessária para o escoamento de água na palha. As vedações da cozinha também se diferem do restante da casa, sendo que metade da construção é feita com tábuas dispostas no sentido horizontal e, a outra metade, tábuas dispostas no sentido vertical.

Figura 6 – Casa Antônio e Francisca: passarela de conexão.



Fonte: Elaborado pela autora – Giovanna Ferraz de Arruda, 2022.

Figura 7 – Casa Antônio e Francisca: cozinha.



Fonte: Elaborado pela autora – Giovanna Ferraz de Arruda, 2022.

A casa possui um programa composto de dois quartos, uma sala e uma cozinha dividida em dois espaços. A sala fica logo na entrada e é um grande vazio com bancos

de assento; no centro da casa, um corredor divide dois quartos fechados por cortinas, com colchões para dormir e prateleiras com roupas; seguindo pelo mesmo corredor, a passarela leva à cozinha, com dois ambientes e uma varanda com acesso ao terreno.

Figura 8 – Casa Antônio e Francisca: vista interna, corredor dos quartos.



Fonte: Elaborado pela autora – Giovanna Ferraz de Arruda, 2022.

O espaço para banho (figura 9) é afastado da casa, adentrando a floresta e, nada mais é do que uma cacimba, ou seja, um poço raso em que foi feito um buraco e que recebe água dos lençóis freáticos, por meio da gravidade, em uma caixa d'água posicionada no chão. Desta caixa se retira a água manualmente com uma cuia e assim se toma banho. O banheiro, segundo Dona Francisca, é a própria floresta – as necessidades fisiológicas são feitas pela mata e depois enterradas. Além destes espaços, Antônio possui um local para produção de farinha de macaxeira.

Figura 9 – Casa Antônio e Francisca: espaço para banho.



Fonte: Elaborado pela autora – Giovanna Ferraz de Arruda, 2022.

Diferentemente da casa de Antônio e Francisca, a casa ao lado, do filho deles, Moacir, e esposa Zenilda, foi construída pelo próprio Moacir, com a ajuda da família para abatimento de árvores. A casa (figura 10) é visivelmente mais simplificada, feita somente de madeira e palha. Segundo ele, foram 3 meses para construção total da casa e mais de 20 kg de pregos para fixação dos materiais. A cozinha é também identificada como uma descontinuidade na construção: está localizada na parte traseira e possui palafitas mais baixas.

Figura 10 – Casa Moacir e Zenilda.



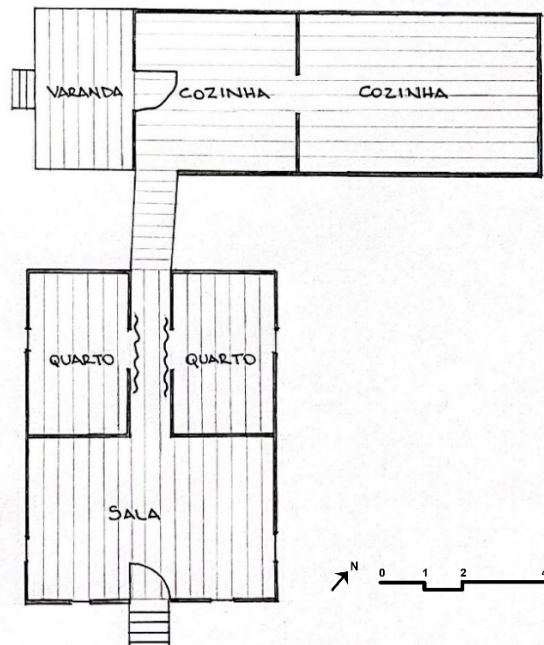
Fonte: Elaborado pela autora – Giovanna Ferraz de Arruda, 2022.

Redesenho

Para contribuir com as análises, foram desenvolvidos desenhos à mão, conceitualizando a casa de Antônio e Francisca. A planta (figura 11) permite visualizar

mais claramente a morfologia da casa e a forma como os ambientes são organizados internamente: a sala na entrada, os quartos no centro e a cozinha como um elemento à parte localizado nos fundos. O croqui de observação (figura 12), realizado no local, expressa a estrutura básica padrão encontrada na casa observada e semelhante às outras construções vistas na região.

Figura 11 – Casa Antônio e Francisca: desenho da planta.



Fonte: Elaborado pela autora – Giovanna Ferraz de Arruda, 2022.

Figura 12 – Casa Antônio e Francisca: croqui de observação.



Fonte: Elaborado pela autora – Giovanna Ferraz de Arruda, 2022.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos para compor a pesquisa, foi possível compreender a forma de viver da comunidade tradicional que habita as margens do rio Chandless. Sua história, pautada por uma ocupação heterogênea, traz consigo o

rio e a floresta como os principais fatores determinantes das relações socioculturais e arquitetônicas.

A arquitetura local engloba materiais provenientes da floresta em uma relação harmônica com o meio ambiente. O uso dos recursos naturais locais na construção e composição estrutural das casas pode ser tido equivocadamente como primitivo, porém é fruto da compreensão de que a natureza é a fonte direta para sustentar a vida e assim permeia uma exploração equilibrada dos recursos naturais. A habilidade de construção é considerada pelos habitantes homens como algo intrínseco à sua identidade, não é incomum se deparar com a ideia de que “se nasce sabendo construir”.

No que tange aos objetivos previamente determinados, foi possível entender os processos formadores da sociedade e as adaptações materializadas na cultura e arquitetura local, portanto, foi alcançado o que havia sido estipulado. Estudar, visitar e compreender a forma de habitar dos povos do rio Chandless e da Amazônia no geral foi uma experiência transformadora.

6. REFERÊNCIAS

ALLEGRETTI, Mary Helena et al. SOS Amazônia e Secretaria de Estado do Meio Ambiente – SEMA. **Plano de Manejo do Parque Estadual do Chandless – Diagnóstico Socioeconômico**. Rio Branco, 2008.

BRUGNERA, Ana Carolina. **Meio ambiente cultural da Amazônia brasileira: dos modos de vida a moradia do caboclo ribeirinho**. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

CABRAL, Wilson et al. **Gestão das águas na Amazônia: a bacia do rio Purus**. 2015. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/266074171>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

FRAXE, Therezinha de J. P. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: memórias, ethos e identidade**. Manaus: Reggo Edições, 2011.

LIMA, V. C. de. A sustentabilidade da habitação do seringueiro amazônico. **PosFAUUSP**, [S. l.], n. 28, p. 182-197, 2010. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v0i28p182-197. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43707>>. Acesso em: 14 ago. 2022.

NOGUEIRA, Laelia R. B. Arquitetura Vernacular e Paisagem Amazônica: um Caminho na Busca pelo Habitar Poético. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies - XXII(2)**, p. 171-180, 2016.

OLIVEIRA JUNIOR, Jair Antonio de. **Arquitetura ribeirinha sobre as águas da Amazônia**: o habitat em ambientes complexos. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Design e Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA JUNIOR, Jair Antonio de. **Arquitetura ribeirinha na Amazônia: Habitar em ambientes extremos**. In: VII Encontro de Sustentabilidade em Projeto, Florianópolis /SC, 2019.

SILVA, Maria das Graças S. N. **O Espaço Ribeirinho**. São Paulo: Terceira Margem Editora Didática Ltda, 2000.

SOS AMAZÔNIA. Secretaria de Estado do Meio Ambiente – SEMA. **Plano de Manejo Parque Estadual do Chandless Encarte 1 – Contextualização da UC**. Rio Branco, 2010.

SOS AMAZÔNIA. Secretaria de Estado do Meio Ambiente – SEMA. **Plano de Manejo Parque Estadual do Chandless Encarte 2 – Análise Regional**. Rio Branco, 2010.

SUGIZAKI, Eduardo; DE ARAÚJO, Ademar Santos. O Alto Purus e o seringueiro, sua memória, sua história. **Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 635-650, fev. 2021. ISSN 1983-7798. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/hab.v18i2.8488>. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/8488>>. Acesso em: 14 ago. 2022.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**: Uma interpretação da Amazônia. 9. ed. Manaus: Editora Valer, 2000.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2012.

Contatos: giovannamfarruda@gmail.com e jair.oliveira@mackenzie.br